

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902091	
CAPÍTULO 2	7
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
Maria Cristina Vianna Kuntz	
DOI 10.22533/at.ed.9381902092	
CAPÍTULO 3	15
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
Ulysses Rocha Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9381902093	
CAPÍTULO 4	24
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
Ana Paula dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9381902094	
CAPÍTULO 5	32
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.9381902095	
CAPÍTULO 6	41
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
Émile Cardoso Andrade	
Thayza Alves Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902096	
CAPÍTULO 7	49
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
Luiz Renato de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.9381902097	
CAPÍTULO 8	58
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
João Felipe Barbosa Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9381902098	

CAPÍTULO 9	69
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9381902099	
CAPÍTULO 10	79
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020910	
CAPÍTULO 11	87
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
DOI 10.22533/at.ed.93819020911	
CAPÍTULO 12	97
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020912	
CAPÍTULO 13	110
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93819020913	
CAPÍTULO 14	117
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM BELÉM DO GRÃO PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto Augusto Sarmiento-Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.93819020914	
CAPÍTULO 15	127
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020915	
CAPÍTULO 16	136
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho Krisna Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93819020916	

CAPÍTULO 17	151
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020917	
CAPÍTULO 18	166
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020918	
CAPÍTULO 19	172
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020919	
CAPÍTULO 20	186
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.93819020920	
CAPÍTULO 21	202
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020921	
CAPÍTULO 22	216
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020922	
CAPÍTULO 23	225
<i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.93819020923	

CAPÍTULO 24	236
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
DOI 10.22533/at.ed.93819020924	
CAPÍTULO 25	242
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierly Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaubia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.93819020925	
SOBRE O ORGANIZADOR	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM BELÉM DO GRÃO PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR

Rosane Castro Pinto

Universidade Federal do Pará
rosanecastro377@yahoo.com.br

Augusto Sarmiento-Pantoja

Universidade Federal do Pará (UFPA)
augustos@ufpa.br

RESUMO: Este trabalho trata de uma análise da obra *Belém do Grão-Pará* (1960), de Dalcídio Jurandir. O texto apresenta o universo amazônico arruinado na primeira metade do século XX, com o declínio do ciclo da borracha. Através deste procura-se verificar de que forma essa narrativa dialoga com a realidade social, considerando os aspectos as reflexões acerca das camadas sociais mais pobres. Dessa forma, serão analisados os indivíduos, suas representações e pretensões de ascensão social, destacando em especial as crianças agregadas na casa da família Alcântara. Assim, o objetivo deste trabalho é contribuir e ao mesmo tempo refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano apontando para a condição de exceção dos personagens que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. Para abarcar tais considerações utilizaremos como chaves de leituras as ideias do filósofo italiano

Giorgio Agamben sobre o estado de exceção e a vida nua e a pesquisadora Tânia Sarmiento-Pantoja sobre a figura do agregado.

PALAVRAS-CHAVE: Infância. Vida nua. Agregados.

THE NUDE CHILDREN: THE RULE IN THE LIFE OF THE AGGREGATES OF THE ALCÂNTARA FAMILY IN “BELÉM DO GRÃO PARÁ” BY DALCÍDIO JURANDIR

ABSTRACT: This work is an analysis of the romance “Belém do Grão-Pará” (1960), wrote by Dalcídio Jurandir. The text presents the Amazonian universe ruined in the first half of the 20th century, with the decline of the rubber cycle. Through this, we try to verify how this narrative dialogues with social reality, considering the aspects reflections about the poorer social strata. In this way, individuals will be analyzed, their representations and pretensions of social ascension, highlighting in particular the children aggregated in the house of the Alcântara family. Thus, the objective of this work is to contribute and to reflect on the infantile characters that appear in this narrative like metonymic figures of the human, pointing to the condition of exception of the characters that are to the margin of any privilege in the post-belle époque context. For this, we will use the ideas of the Italian philosopher Giorgio Agamben on the

state of exception and the naked life, and the researcher Tania Sarmiento-Pantoja on the figure of the household.

KEYWORDS: Childhood. Bare life Aggregates.

INTRODUÇÃO

Dentre muitos autores da Amazônia surgidos no século XX, um que merece ser estudado é Dalcídio Jurandir nascido em 1909, na Vila de Ponta de Pedras, localizada no arquipélago do Marajó, Pará, e falecido em 1979, na cidade do Rio de Janeiro. Esse escritor começou a esboçar o seu trabalho literário a partir de 1929, quando escreve seu primeiro romance, *Chove nos Campos de Cachoeira*, publicado somente em 1941. De 1941 a 1978, o escritor paraense Dalcídio Jurandir teve uma vasta produção, publicando 10 romances, que formam um panorâmico amazônico sem paralelo na literatura brasileira. Vencedor de dois dos mais importantes e tradicionais prêmios literários brasileiros, o prêmio de publicação Vecchi-Dom Casmurro para seu primeiro livro, *Chove nos Campos de Cachoeira*, como resultado do primeiro lugar no concurso promovido pelo jornal *Dom Casmurro* e pela Editora *Vecchi3* em 1941, e o prêmio Machado de Assis da academia brasileira de letras pela sua obra até 1972. Anos após a publicação de sua primeira obra foi lançado o segundo romance, *Marajó* (1947). Seguido desse, publicou outras oito obras: *Três Casas e um Rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira Manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os Habitantes* (1976), *Chão de Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978), que compõem o ciclo do *Extremo Norte*.

O assunto principal de Dalcídio Jurandir é a vida entre as camadas sociais mais pobres, revelando-se como motivo gerador de condutas e práticas de vida, razão justificadora para atitudes específicas que os personagens tomam diante de questões relacionadas à pobreza, ao gênero e à raça, dentre outras temáticas. Neste sentido, verifica-se que suas narrativas estão voltadas para as diversas questões sociais, tais como: a miséria e a luta do homem pela sobrevivência.

Esses romances são ambientados na Amazônia paraense e envolvem temáticas típicas dos homens dessa região. Dalcídio compõe os seus romances utilizando em nove dos seus romances, a trajetória de Alfredo, pois é apenas em Marajó que esse personagem não aparece. Enquanto que nos demais ele é a figura principal, enfatizando a figura do menino em um momento de formação. O autor aborda um jovem migrante, da cidade de Cachoeira do Arari, ilha do Marajó para a cidade de Belém, a fim de completar seus estudos, um sonho de sua mãe, pois em Cachoeira, como em vários lugares do Brasil, as escolas eram uma notícia da capital. Com isso, o protagonista representa à experiência de inúmeros jovens que também saem de sua cidade em busca de novas oportunidades na vida.

Dentre as obras ali apresentadas nos deteremos em analisar o quarto livro do ciclo, *Belém do Grão Pará*, publicado pela primeira vez em 1960. A narrativa se

ambienta na cidade de Belém, aproximadamente na década de 20. Narra a história da decadente família Alcântara, que após a queda do Senador Lemos, é obrigada a abrir mão da vida luxuosa repleta de eventos, beneficiada pelo projeto de exploração da borracha e se limitar a pompa de sua posição social. A família Alcântara, atingida pela derrocada do ciclo da borracha, tenta esconder o prejuízo e a miséria e manter um status. Marli Tereza Furtado, em estudo sobre a ruína em Dalcídio, em sua tese discute que as ruínas marcam o contexto histórico subjacente ao romance. É neste cenário que surge o menino Alfredo e a cidade de Belém, em busca de conhecer a cidade que outrora só a sabia por fotos. Contudo, por outro lado, esse deslumbre começa a dar lugar para questionamentos, conflitos e reflexões acerca do ambiente citadino.

O autor narra a transferência do menino Alfredo da ilha do Marajó, região interiorana do estado do Pará, para a cidade de Belém. Quanto aos personagens, encontram-se distribuídos da seguinte maneira: Alfredo personagem principal, a família Alcântara, esta liderada por D. Inácia, o marido Virgílio, a filha Emília e os agregados da família, ou melhor, os serviçais da casa Libânia e Antônio, além de Isaura, a costureira que fazia as vestes da família, mas que não era recompensada pelos seus serviços.

Os conflitos da história, os sentimentos dos personagens e o próprio discurso do narrador expressam a qualidade como tal, e particularmente, nas situações de limite e de luta social pela felicidade e pela identidade cultural. Esses conflitos concentram-se no abuso de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdades e injustiças sociais. Esse personagem quando chega à cidade de Belém busca a realização de um sonho, no entanto a desesperança diante daquilo que vê e ouve, faz com que sinta saudade de cachoeira, trazendo à tona através da memória lembranças saudosas de Cachoeira do Arari.

A INFÂNCIA DESTITUÍDA DE HUMANIDADE EM UM ESPAÇO DE EXCEÇÃO

Alfredo logo ao chegar o seu deslumbre diante da cidade é cortado ao presenciar uma cena de denúncia social gritante do narrador. Pois esse personagem fica abismado ao ver que uma menina de apenas nove anos de idade, vindo na canoa, “Deus te guarde”, da cidade de Moju, estava sendo tratada por uma senhora ricamente vestida como uma encomenda, uma mercadoria.

O tripulante voltou à “Deus te guarde”, num átimo trouxe a encomenda da senhora: uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca, metida num camisão de alfacinha. A senhora recuou um pouco. o leque aos lábios, examinando-a:

— Mas isto?

E olhava para a menina e para o canoeiro, o leque impaciente: — Mas eu lhe disse que arranjasse uma maiorzinha pra serviços pesados. Isto aí...

O canoeiro respondia baixo, se enchendo de respeitosa explicação, fazendo valer a mercadoria. A menina, de vez em vez, fitava a senhora com estupor e abandono. E deu com Alfredo que o contemplava, Olhou para ele com o mesmo estupor mas tão demoradamente, como uma cega, que o menino virou o rosto.

Como se pode observar apesar de valorizada pelo canoeiro a menina foi rejeitada pela senhora que ao olhar a “mercadoria” não se sentiu atraída pelo produto, pois a imagem da menina quando exposta não foi nada sedutora. A senhora precisava de uma menina maior, pois o seu interesse não era educar e cuidar da menina pobre e maltratada, mas sim precisava de uma menina que fosse capaz de dar conta dos serviços pesados da casa. Conforme acentua Ivone dos Santos Veloso, no seu artigo “Infância Desnuda: Trajetória Resistente em *Belém do Grão Pará*”, a menina representa uma criança despida de humanidade angelical, pois era tratada como um animal sem valor para a sociedade, principalmente quando tratada como uma mercadoria.

O mito da infância feliz se desfaz e no lugar de uma aura representação de uma criança que está despida da sua puerilidade, e, sobretudo, da sua humanidade angelical, de faces rosadas, temos uma menina “amarela, descalça, cabeça rapada”. Essa descrição dá conta do que estou chamando aqui de desnudamento da infância, isto é da representação de uma criança que está despida da sua puerilidade, e, sobretudo, da sua humanidade. (VELOSO, 2014, p.4,5)

Nesse romance o autor aborda o abuso sobre as crianças que são “adotadas” para o trabalho pesado das famílias ricas. Conforme pontua, Marli Furtado, (2002 p. 128): “Esse quadro de denúncia social dalcidiano será completado nesta obra pelo retrato de Libânia e de Antônio.” Duas figuras extremamente importantes e que representam muito bem a figura dessa criança maltratada, que serve apenas para servi os patrões em troca de um lugar para dormir e um prato de comida, uma prática comum que é levar crianças, especialmente as interioranas, para a cidade a fim de que sirvam a casa alheia com trabalhos domésticos.

Todavia, refletindo sobre a figura da mulher enchapelada, podemos compreender que ela pode ser entendida como uma figuração do poder soberano, que segundo Giorgio Agamben, pautado em Shmitt, o qual destaca ter o poder de exclusão e inclusão.

A “politização” na vida nua e a tarefa metafísica por excelência, na qual se decide a humanidade do vivente homem, e, assumindo esta tarefa, a modernidade não faz mais do que declarar a própria fidelidade a estrutura essencial da tradição metafísica. A dupla categorial fundamental da política ocidental não aquela amigo-inimigo, mais vida nua-existência política, *zoe-bios*, exclusão-inclusão. A política existe porque o homem é o vivente que, na linguagem, separa e opõe a si a própria vida nua e, ao mesmo tempo, se mantém em relação com ela numa exclusão inclusiva. (AGAMBEN, 2012, p. 13)

Desta feita é possível observar que o soberano tem poder de exclusão-inclusão, pois esse soberano tem o poder de decidir sobre a instauração ou não do estado de exceção. Por ser soberano, ele pode decidir sobre a normalidade ou anomia da vida

social, e com isso, decretá-lo, o que significa nada menos do que a suspensão da vigência da lei: apesar de válida, a lei não vigora.

Ainda refletindo sobre as condições apresentadas pelo narrador a respeito da menina trazida para ser entregue para a mulher enchapelada, podemos observar que a personagem aparece com a cabeça rapada, talvez porque era para aparentar que já tinha sido higienizada, ou seja, não teria piolho. Assim, nesse aspecto pode-se observar a desumanização da criança que estava sendo tratada apenas como um objeto, um animal, ou melhor, uma mercadoria. Como se observa através das palavras proferidas a personagem tratando-a como animal:

— Bem. Vamos ver. O compadre me leve ela. Não posso levar comigo como está E como é o teu nome. O teu nome, sim. É muda? Surda-muda? Não te batizaram? És pagoa? Eh parece malcriada, parece que precisa de uma correção. Fala, tapuru, bicho do mato. Ai, esta consumição... (JURANDIR, 1960, p. 17)

Nesse sentido através da observação sobre a condição da menina, começamos a pensar e aproximar ao conceito de *homo sacer* e a vida nua de Giorgio Agamben, quando refletimos sobre a infância desta criança. Questionamentos que fazemos relacionado à vida do homem numa sociedade que se encontra em contínuo estado de exceção. Relação esta que pode ser feita com pessoas diferentes e distantes no tempo e espaço, bem como sujeitas a situações desumanas tão díspares como os presos dos campos de concentração nazistas, os condenados à pena de morte, os doentes terminais, os “detentos” de Guantánamo ou os refugiados nos campos “humanitários” na África, dentre outros casos. Segundo Agamben todos esses casos estão relacionados ao poder soberano, que tem o poder de decidir sobre quem tem o direito de viver ou não viver, ou seja, em decidir qual vida merece ser vivida. São pessoas insacrificáveis, porém matáveis.

Desta maneira, compreendemos que a infância destituída de humanidade, nada mais é do que o estado de exceção que virou regra, desumanizando aquela criança. Todavia, desta criança da canoa “Deus te guarde” o leitor não terá mais notícia no decorrer da narrativa, mas se reverbera em outra personagem a história daquela personagem: Libânia que vive na casa dos Alcântaras sendo maltratada. Como percebemos através das palavras que D. Inácia se refere a Libânia:

Em quase todas as cenas habituais daquela casa. Libânia estava. No domingo, Libânia espantava os passarinhos que vinham espí-la no beiral, caídos em perdição. Atiçava o fogo, partia a lenha, maraximbé vermelha como o rosto da cabocla.

D. Inácia, na porta da cozinha observava-a:

— Estás pegando fogo de vermelha... Foi mulher que te pariu, rapariga? Tu foi-foi feita numa olaria. (JURANDIR, 1960, p.48)

Desse modo, percebe-se que a menina maltratada é demarcada pelo signo, da

exploração, quando vivia na casa dos Alcântaras apenas para servir as senhoras que lhe proferiam palavras de humilhação tratando-a como “bicho do mato”, ou que fora gerada em uma olaria. A personagem não era maltratada apenas com palavras, mas também no romance ela é apresentada como uma criança sem absolutamente nada, sem sandália para calçar, sem roupas adequadas para vestir, pois segundo o narrador suas roupas eram rasgadas. Libânia era tão maltratada que não tinha sequer uma rede para dormir. Mas em contrapartida saía pelas ruas para atender os caprichos da família, independente se estava chovendo ou se o sol se fazia quente. Como podemos observar através da descrição feita da personagem.

Libânia, pés de tijolo, a saia de estopa. apressada e ofegante, era uma serva de quinze anos, trazida, muita menina ainda, do sítio pelo pai para a mão das Alcântaras. Entrava da rua, com os braços cruzados, carregando acha de lenha e os embrulhos, sobre os rasgos da blusa velha. (JURANDIR, 1960, p. 4)

Analisando as características da personagem o pesquisador Paulo Maués Corrêa no livro intitulado “Um olhar sobre Belém do Grão Pará, compara Libânia com outra personagem, nomeada como “pequena”, do conto *velas. Por quem?*”, de Lúcia Medeiros. Quando afirma que a menina da canoa “Deus te guarde” já comentada anteriormente representa o passado de Libânia, ou seja, a forma como a menina chegou na casa da família Alcântara, e que a personagem de Medeiros pode representar o futuro da personagem, servindo em senhores da casa.

Se a menina do romance pode ser lida como uma projeção do passado de Libânia, na personagem Medeiros pode-se vislumbrar uma projeção do futuro da personagem dalcidiana: passar de geração a geração servindo às senhoras brancas e aos senhores (servindo em todos os sentidos) [...] (CORRÊA, 2008, p. 40).

Assim quando fala sobre o futuro da personagem o autor deixa claro através das entrelinhas que assim como em Medeiros, a cria da casa, Libânia, no caso também desperta no “doutor”/seu Virgílio os desejos mais secretos.

Desta feita, procuramos compreender o porquê de tanta humilhação por parte das senhoras, D. Amélia e D. Emília. Por isso, é de suma importância à compreensão da condição de agregado dos personagens que prestavam serviços para os anfitriões em troca de moradia. segundo a pesquisadora Tânia Sarmiento-Pantoja, no ensaio “Condição Agregada e vida nua em “*Velas, Por Quem?*”, de Maria Lúcia Medeiros, quando nos apresenta o conceito de agregado:

Assinalo que a presença do agregado como personagem na literatura brasileira é tão ancestral quanto o caráter colonial da cultura de onde emerge. Relacionado às primeiras estruturas sociais e políticas no Brasil a figura do agregado está diretamente ligada à ideologia do favor. (SARMENTO-PANTOJA, 2016, p.218)

Através das entrelinhas do romance percebemos que não temos um estado de exceção, mas temos uma família autoritária que decide sobre a vida da personagem que por ser agregada tem a sua vida exposta a precariedade, sempre sendo comparada aos animais. “Essa Libânia é um puro bicho. Eu devo te sustentar a folha, desgraçada. Tu nasceste nos matos d’água. Teu pai é um peixe boi.” (JURANDIR, p 137). Dessa forma, ao analisar a figura da personagem e suas condições da vida humana, começamos a refletir sobre a vida nua, aquela da mera existência biológica, chamada por Agamben de *homo sacer*, termo utilizado para se referir aos seres humanos despojados de seus direitos civis. Como acentua o pesquisador, Jonnefer F. Barbosa, no artigo, vida nua e formas-de-vida: Giorgio Agamben, Leitor das fontes greco-romanas.

Uma das afirmações mais elusivas de Agamben está em uma das conclusões postas ao fim do primeiro tomo de *Homo sacer*, de que a “vida nua” é uma espécie de “rendimento” – termo com inegáveis conotações financeiras – do poder soberano. “O rendimento fundamental do poder soberano é a produção da vida nua como elemento político original e como limiar de articulação entre natureza e cultura, *zoé* e *bíos*.” Para Agamben, uma das características da biopolítica moderna é a separação de uma *zoé* das formas do *bíos* ou, em termos aristotélicos, uma separação da potência nutritiva das demais potências da *psykhê*. (BARBOSA, 2013, p. 84)

De tanto ser humilhada pela D. Inácia que a chamava de “cabocla emjambrada, braba de pele de couro”, onde já se viu maior peste, ou dizia ainda “Tu és feita de tijolo, pau e couro de paca”. (JURANDIR, 1960, p.136). Além disso, a própria Libânia se coloca como alguém sem valor quando em uma das conversas com Alfredo afirma: — Não sou uma senhorita, aquele-menino. Sou menos que bicho de estimação. (JURANDIR, 1960, p.139). Nesse caso, a percepção da personagem é tão chocante, pois esta não se vê apenas como um animal, mas abaixo disso, a exploração era tanta que a personagem se via subumana e sub-animalizada. Novamente Barbosa, explicita se baseando em Agamben, como funciona essa animalização do ser humano.

Agamben, no nono capítulo de “*L’Aperto*”, cunha o conceito de “máquinas antropológicas”: a “máquina antropológica” dos modernos “funcionaria” a partir da “animalização do humano”, ou seja, isolando uma dimensão não- -humana no ser humano, uma exclusão de um elemento interno (porém já humano), aracterizando-a como inumana: o *Homo alalus* (o *sprachloser Urmensch* de Ernst Haeckel), mas também os exemplos ontemporâneos do *néomort*, do além-comatoso, etc.; enquanto a “máquina antropológica dos antigos” atribuiria uma humanização ao animal, o homem visto como a inclusão de um fora (o animal), não apenas na imagem do *enfant sauvage*, mas também o escravo, o estrangeiro, o bárbaro, como “figuras de um animal em formas humanas.”¹⁵ Porém, o que se obtém em ambas as “máquinas”, como um “resíduo” não resolvido, segundo Agamben, seria apenas uma vida nua. (BARBOSA, 2013, p. 87)

Desta feita, assim como Libânia, Antônio também era outro agregado da família, um menino amarelo que fora enganado por Amélia e Emília quando convencido a fugir da casa onde morava, pois o menino já levava uma vida sofrida, mas achando que

viveria de forma digna exercendo os seus direitos na casa dos Alcântaras. Acreditando nessa possibilidade aceita ser raptado por Amélia e Emília. No entanto, ao chegar à casa da família Alcântara percebe que sua vida se tornará da mesma forma, sendo maltratado, vivendo como bicho. E isso é perceptível através de um diálogo entre seu Virgílio e Antônio, no qual durante essa conversa, o personagem relata a sua condição e se coloca numa posição de resistente, afirmando que se soubesse não teria deixado ninguém o raptar, ou seja, preferia a forma como vivia antes.

Mas ele foi tomar conhecimento do Antônio, aquele ser calado e inerte trazido para ali à sua revelia, sem que ninguém lhe tivesse dito o mínimo.

— Então te roubaram, não? E elas me enganaram. Por que se se eu tal soubesse, não consentiria.

— Não sou porco pra ser roubado...

Antônio apertou os lábios e os olhos, sério. Parecia disposto a soltar mil malcriações mas veio d. Inácia que o mandou deitar-se, a Usina já tinha apitado. Onde? Lá na alcova como noutra noite, ao lado da rede de Alfredo, no chão? (JURANDIR, 1960, p. 110)

Nesse relato percebemos que assim como Libânia, Antônio também não tinha se quer uma rede para dormir. E isso o indignava, por ser tratado como um animal, sem valor, ou seja, um porco imundo que dorme em qualquer lugar. Novamente temos a figuração do soberano na figura de D. Amélia, que decide sobre a vida nua, ou seja, o soberano apresenta um modo de pensar ou de proceder que se afasta do comum e usual. Diante de todas essas atrocidades cometidas contra os agregados da família Alcântara pode-se pensar segundo o autor, Paulo Jorge de Souza Ferreira, em sua dissertação de mestrado intitulado “De Cachoeira a Belém: A Inflexão das ilusões de Alfredo”, quando comenta de maneira brilhante toda essa forma de tratamento recebido pelos agregados da família.

Esses meninos e meninas são submetidos a extenuante trabalho, melhor: São inescrupulosamente explorados, sem receberem qualquer tipo de compensação. E revoltante a miséria em que vivem na casa das pessoas que os acolhem. Usam e abusam deles, são considerados menos do que gente. Aliás, pelo tratamento recebido nem chegam a ser consideradas pessoas. (FERREIRA, 2008, p. 64)

Dessa forma, conforme já foi exposto e segundo as contribuições do pesquisador percebemos que essas crianças são muito maltratadas e abusadas pelos seus senhores. Na narrativa elas são sempre apresentadas como aquelas responsáveis pelo serviço pesado da casa. Por isso, sempre nos remete ao conceito de vida nua, ou melhor, vida que não merece viver de Giorgio Agamben, quando são considerados por Ferreira, “menos que gente” “pior que animais”. O único menos maltratado é Alfredo, pois apesar de morar na casa, mas sua família paga uma mesada para sustentar sua permanência, o que não ocorre com Antônio e Libânia. No romance é claro essa diferença, pois era o único que tinha uma rede para dormir e participava das festas com

a família. No entanto, apesar dessas regalias o personagem consegue se comover com o sofrimento de Libânia, quando humilhada, pelos Alcântaras, principalmente quando trazia as entradas das festas, mas era impossibilitada de ir, por não ter roupas adequadas, ou simplesmente por sua condição social.

Quando recebeu de Emília a ordem de se aprontar para ir ao Olímpia, Alfredo sentiu o olhar de Libânia que chegava do argo da Pólvora trazendo as entradas de Isaura. Vista baixa, com a batalha de Guararapes a estudar, Alfredo não deu um passo para vestir-se. Um sentimento de injustiça e temor dominava-o. O olhar de Libânia, tão difícil de entender, tão breve, gelara-lhe a espinha. E ela já estava, ao pé do fogão, cantando, a partir lenha. (JURANDIR, 1960, p. 72)

Assim, é muito claro o sentimento de injustiça e temor de Alfredo ao observar o olhar de Libânia trazendo as entradas da festa sabendo que não poderia ir por pertencer a uma classe inferior, restando-lhe apenas o fogão de lenha para o seu manuseio. Por isso, se comovendo com essa situação de humilhação, Alfredo, finge ter obrigações de estudo para não acompanhar as senhoras naquela festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar as reflexões acerca da infância desnuda, aquela despida de sua puerilidade, está presente na narrativa de Dalcídio Jurandir através das personagens infantis. Nesse sentido quando nos referimos a esse universo infantil estamos destacando as crianças que perderam o direito de ser criança, entrando muito precocemente na vida adulta. Desta forma, destacam-se as personagens Libânia e Antônio, pois na narrativa eles representam essas crianças que começaram a trabalhar muito cedo servindo os seus senhores em troca de moradia, embora precária e quase desumana. Todavia, o autor apresenta essas personagens como pessoas humanas, mas tratadas como animais, levando uma vida desqualificada, sem direitos, a margem de uma vida qualificada. Nesse caso vemos muito presente um quadro crescente de desumanização, ou nos termos de Agamben uma redução a zoé, a uma vivência puramente biológica.

Em suma, podemos dizer que os personagens do romance vivem a experiência de vida nua quando experimentam o corpo pela fome, pela miséria e pelas doenças. Como o exemplo dos empregados da casa da família Alcântara, Libânia e Antônio, que vivem uma situação de miséria e quase escravidão, subjugados pelas vontades dos patrões. Nesse viés o autor nos conduz a questionar e refletir sobre um lugar vazio de direitos, onde a ausência de direitos e de dignidade é constante.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua (zoé) I**. Trad. Henrique Burigo. Belo horizonte : Editora UFMG, 2012.
- AGAMBEN, Giorgio, **1942- Estado de exceção** / Giorgio Agamben ; tradução de Iraci D. Poleti. – São Paulo: Boitempo, 2004 (Estado de sitio)
- BARBOSA, F. **A vida nua e formas de vida: Giorgio Agamben, Leitor das fontes greco-romanas**. HYPNOS, São Paulo, número 30, 1º semestre 2013, p. 79-97.
- CORRÊA, Paulo Maués. **Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**. Belém: IAP, 2008.
- FERREIRA, Paulo Jorge de Moraes. **De Cachoeira a Belém: A Inflexão das ilusões de Alfredo**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém 2008.
- FURTADO, Marli Tereza **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir** / Marli Tereza Furtado. --Campinas, SP: [s.n.], 2002.
- JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão Pará*. Livraria Martins, São Paulo 1960.
- SARMENTO-PANTOJA, Tânia. **“Condição Agregada e vida nua em “Velas, Por Quem?”**, de Maria **Lúcia Medeiros**. Literaturas: Diálogos e Resistências/ Carlos Henrique Lopes d Almeida e Augusto Sarmiento-Pantoja (organizadores) Belém: UFPA 2016.
- VELOSO, Ivone dos Santos. **Infância desnuda: Trajetória resistente em Belém do grão Pará**. XIV abralic 2014, anais eletrônicos ISSN 2317-157X.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8

